

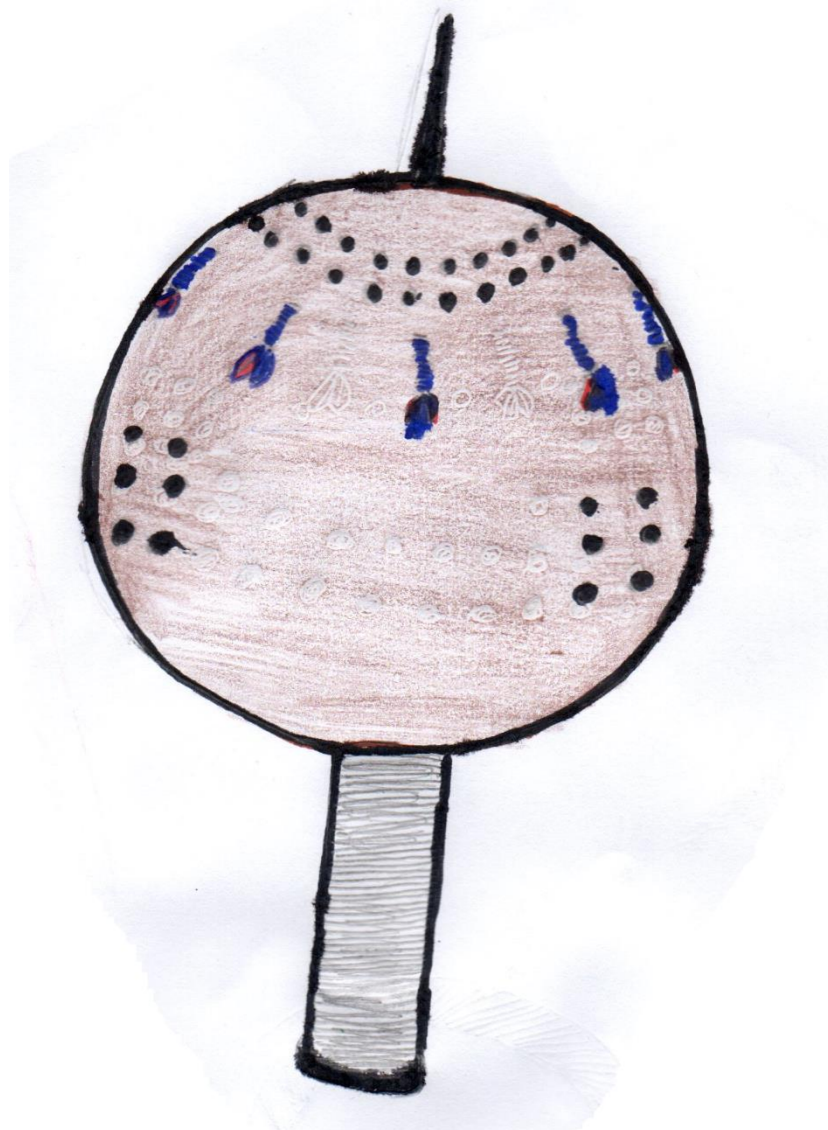
**CAPÍTULO 02 – ANDAMENTO DO PROJETO BÁSICO AMBIENTAL DO
COMPONENTE INDÍGENA**

**Anexo 9.1 -6 – Versão Final do PPP da escola do povo
Xikrin**

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO

ESCOLAS INDÍGENAS DO POVO XIKRIN DO BAKAJÁ

TERRA INDÍGENA TRINCHEIRA-BAKAJÁ



Julho 2015

Sumário:

1. Apresentação.....	3
2. Bases legais.....	4
3. Localização da Terra Indígena e das aldeias.....	5
4. A nossa história.....	6
5. As nossas histórias com a escola.....	8
6. Por que a escola é importante para nós?	11
7. Como ensinamos as nossas crianças.....	15
7.1. Como os homens aprendem e ensinam.....	16
7.2. Como as mulheres aprendem e ensinam.....	17
8. Como a escola deve ensinar as nossas crianças.....	18
9. A organização da nossa escola.....	19
9.1. Sistema de ensino.....	19
9.2. Calendário escolar (Akati ã akredjà)	20
9.3. O que a escola deve ensinar?	21
9.4. Sistema de avaliação.....	28
9.5. Função de cada membro da comunidade escolar.....	28
10. Considerações.....	31

Apresentação

Os Xikrin do Bakajá estão atualmente organizados em 9 aldeias distribuídas pela Terra Indígena Trincheira-Bakajá (TITB) e cada uma delas tem uma escola que atende as séries iniciais do Ensino Fundamental, sendo que em algumas há o Ensino Infantil e a Educação de Jovens e Adultos (EJA). A organização administrativa dessas escolas conta com uma escola matriz, a Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Indígena Trincheira Bakajá, e as outras são identificadas como escolas anexas, que foram reconhecidas pela Secretaria Municipal de Educação de Altamira nos seguintes decretos: EMEF Indígena Ngôrãrãti (aldeia Bakajá) e EMEF Indígena Trincheira Bakajá (aldeia Potikrô): decreto nº 356 de 06 de maio de 1998; EMEF Indígena Bep Pryti (aldeia Mrotidjãm): decreto nº 331 de 09 de junho de 2005; EMEF Indígena Bekaty (aldeia Pykajakà): decreto nº 1772 de 18 de março de 2009; EMEF Indígena Ipori (aldeia Pytakô): decreto nº 2.423 de 03 de junho de 2011; EMEF Indígena Bepkarà Xikrin (aldeia Krajn), EMEF Indígena Bemoti Xikrin (aldeia Kenkudjô) e EMEF Indígena Ngôkoro (aldeia Kamoktikô): decreto nº 254 de 21 de junho de 2013. O decreto da EMEF Indígena Bekre Xikrin (aldeia Ràpkô) está em trâmite na Secretaria Municipal de Educação.

Este Projeto Político Pedagógico (PPP) das escolas do povo Xikrin do Bakajá, que abrange as 9 escolas da TITB, foi elaborado em reuniões realizadas nas suas aldeias nos meses de março e julho de 2015 contando com a participação dos professores indígenas, lideranças, pais e mães de alunos e demais pessoas das comunidades. Reuniões com os professores Xikrin também foram realizadas no mês de junho em Altamira para discutir o PPP. Nestes encontros, procurou-se respeitar a maneira Xikrin de expressar as suas opiniões sobre a escola, concedendo destaque para as suas falas durante as reuniões, que foram registradas neste documento. Dessa maneira, seguimos as orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena de 2012 que orienta no Art. 14 § 2º que o projeto político pedagógico da escola indígena deve ser construído de forma autônoma e coletiva, valorizando os saberes, a oralidade e a história de cada povo em diálogo com os demais saberes produzidos por outras sociedades.

Uma primeira conversa com os Xikrin sobre o PPP foi organizada pela Secretaria Municipal de Educação de Altamira no ano de 2012 na aldeia Potikrô. Neste encontro ficou acordado que todas as aldeias da Terra Indígena Trincheira-Bakajá teriam um único PPP e uma primeira versão do documento foi escrita. O trabalho de 2015 teve como objetivo a continuação e a ampliação destas discussões visando ao fortalecimento das escolas Xikrin.

O PPP Xikrin é um documento que ajuda a orientar o trabalho dos professores indígenas e de outros funcionários das escolas que estão atuando nos dias de hoje e os que ingressarão nestas práticas no futuro, pois indica o que deve ser ensinado e como deve ser ensinado em suas escolas. Além disso, é um importante suporte que contribui para firmar um diálogo mais estreito da escola com a comunidade sobre os assuntos e questões referentes às atividades escolares, uma vez que a sua construção foi feita de forma que procurou envolver a participação de todas as aldeias.

Este documento também ajuda os não-indígenas a entenderem um pouco o modo de vida Xikrin e suas expectativas em relação à educação escolar, o que consideram importante para o ensino das crianças, garantindo o respeito de sua cultura nas escolas e em outros espaços. Ele também permite que os órgãos governamentais façam o reconhecimento legal da organização de suas escolas específicas e diferenciadas das séries iniciais do Ensino Fundamental, do Ensino Infantil e da Educação de Jovens de Adultos (EJA) 1ª e 2ª etapas.

2. Bases Legais

O Estado brasileiro garante desde a Constituição de 1988 o respeito à cultura indígena nas escolas oferecidas para estes povos. No art. 210 § 2º está assegurado às comunidades indígenas a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.

Outros documentos oficiais contribuíram para fortalecer e embasar os direitos Constitucionais permitindo que os povos indígenas organizem as suas escolas de acordo com os princípios de uma educação escolar específica, diferenciada, intercultural e bilíngue/multilíngue.

O Art. 79. da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 orienta os seguintes objetivos para os programas de educação oferecidos às comunidades indígenas:

- I - fortalecer as práticas sócio-culturais e a língua materna de cada comunidade indígena;
- II - manter programas de formação de pessoal especializado, destinado à educação escolar nas comunidades indígenas;
- III - desenvolver currículos e programas específicos, neles incluindo os conteúdos culturais correspondentes às respectivas comunidades;
- IV - elaborar e publicar sistematicamente material didático específico e diferenciado.

A Resolução nº 3 do Conselho Nacional de Educação de 1999 no Art. 4º orienta que as escolas Indígenas desenvolverão suas atividades de acordo com o proposto nos projetos pedagógicos e regimentos escolares com os seguintes direitos:

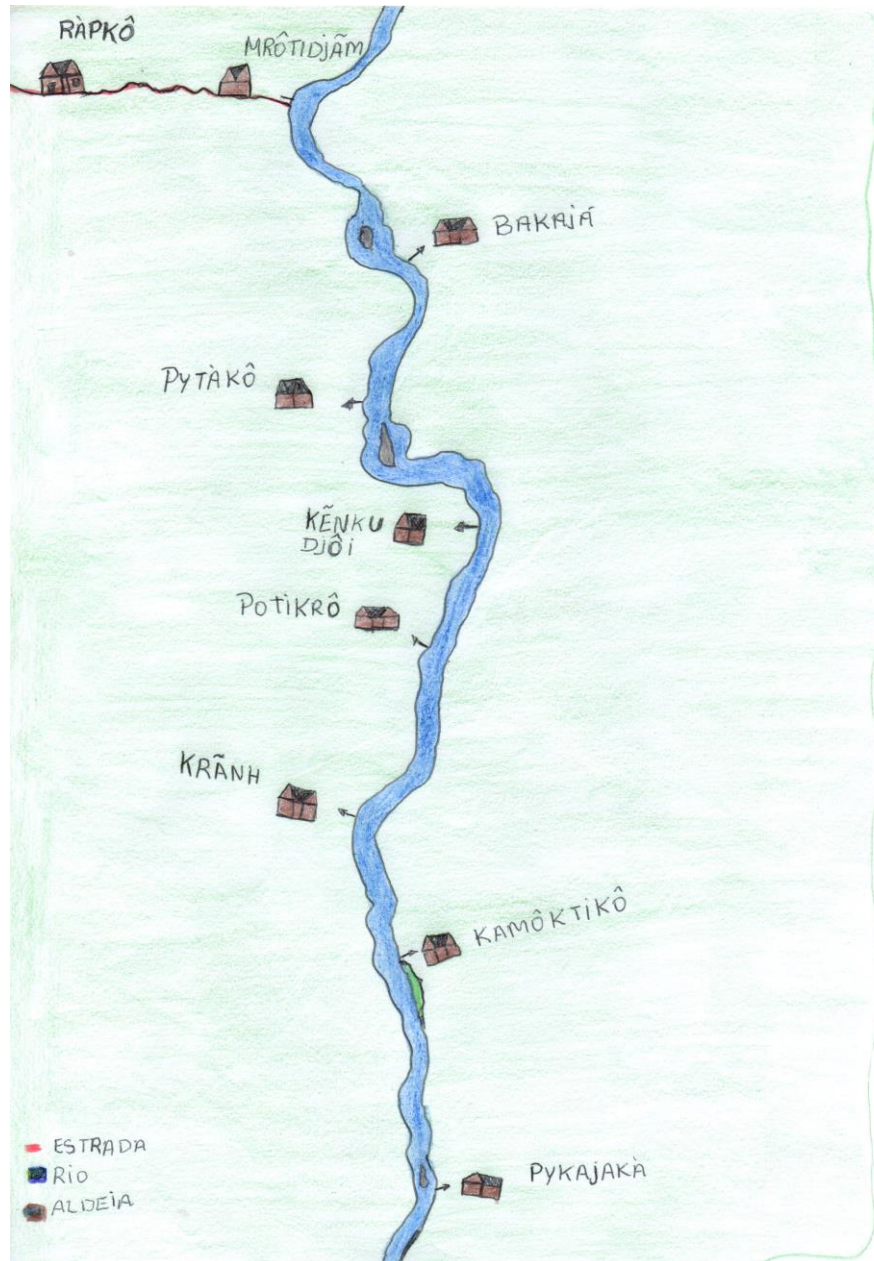
- I – organização das atividades escolares, independentemente do ano civil, respeitando o fluxo das atividades econômicas, sociais, culturais e religiosas;
- II – duração diversificada dos períodos escolares, ajustando-as às condições e às especificidades próprias de cada comunidade.

No Art. 5º da mesma Resolução está indicado que a formulação do projeto político pedagógico próprio, por escola ou por povo indígena terá por base:

- I – as Diretrizes Curriculares Nacionais referentes a cada etapa da Educação Básica;
- II – as características próprias das escolas indígenas, em respeito à especificidade étnico-cultural de cada povo ou comunidade;
- III – as realidades sócio-linguísticas, em cada situação;
- IV – os conteúdos curriculares especificamente indígenas e os modos próprios de constituição do saber e da cultura indígena;
- V – a participação da respectiva comunidade ou povo indígena.

3. Localização da Terra Indígena e das aldeias

A Terra Indígena Trincheira-Bakajá foi homologada no ano de 1996 e está localizada nos municípios Senador José Porfírio, Anapu, Altamira, Pacajá e São Félix do Xingu no estado do Pará. Os Xikrin do Bakajá encontram-se organizados em 9 aldeias distribuídas ao longo do rio Bakajá e no interior de seu território: aldeia Pykajakà, aldeia Kamoktikô, aldeia Krãnh, aldeia Potikrô, aldeia Kenkudjô, aldeia Pytakô, aldeia Bakajá, aldeia Mrôtidjãm e aldeia Ràpkô.



4. A nossa história

No começo da história do povo Xikrin do Bakajá uma das primeiras aldeias se chamava Roiti Djam que significa pé de tucum. Todo povo Xikrin morava lá. Na aldeia Roiti Djam teve três guerras entre Xikrin e Kayapó e por isso os Xikrin resolveram se mudar e abriram a aldeia Ropkre. Nesta aldeia teve outra guerra com os Kayapó e, novamente, os Xikrin se mudaram e abriram uma aldeia que recebeu o nome de Pykatingrà.

Na aldeia Pykatingrà os Xikrin brigaram entre si e acabaram se dividindo em dois grupos que são hoje conhecidos como Xikrin do Bakajá e Xikrin do Kateté. Isso começou por causa da briga entre duas crianças. Os Xikrin do Bakajá decidiram andar e se separar dos Xikrin do Kateté porque eles queria um lugar melhor para morar, um lugar sem brigas. Primeiro eles moraram em Pytākô e ficaram pouco tempo nesta aldeia. Foram andando até que chegaram no lugar onde abriram a aldeia Krĩmexmadjàrà. Não permaneceram muito tempo por lá. Continuaram andando e chegaram no local onde abriram a aldeia Bekwynh nhõ krëndjà. Também não ficaram muito neste local e decidiram seguir pelo mato e atravessaram o Tekàpoti nhõ ngô (rio Bakajá). Quando estavam procurando um lugar para morar perto do rio Xingu encontram garimpeiros brancos e começaram a brigar com eles. Continuaram morando neste local, que se chamava Bep ã mēkute amija prãrdjà, por um tempo e fizeram uma festa lá. Quando resolveram voltar para perto do Tekàpoti nhõ ngô (rio Bakajá) encontram novamente com os brancos e fizeram briga com eles.

Desde a primeira briga que os Xikrin tiveram com os brancos o Serviço de Proteção aos Índios (SPI) ficou sabendo que havia um grupo de indígenas que estava morando na região. Ao tomarem conhecimento disso, juntaram alguns Kayapó, alguns Xikrin do Kateté e funcionários do SPI para fazer o contato. Foi um caçador de pele de ariranha (e de pele de outros animais) que viu os Xikrin atravessando o rio Bakajá e avisou o SPI que eles estavam lá. O SPI foi atrás do grupo e encontrou os Xikrin do outro lado do rio. Fizeram um acampamento mas os Xikrin ficaram poucos dias neste local porque pegaram gripe. Por causa da doença e das mortes de muitas pessoas os Xikrin resolveram ir para a antiga aldeia Ràpkô.

Quando estavam todos na aldeia Ràpkô um grupo resolveu voltar para um lugar que ficava perto do local do contato e que hoje chamam de Posto Velho. É neste local que o SPI volta a fazer contato com os Xikrin. Os funcionários do SPI estavam junto com os Kayapó. Este pequeno grupo de Xikrin leva o SPI até onde estavam os outros Xikrin e todos se juntam novamente.

O SPI levou os Xikrin até o igarapé Carapanã (õ nhõ ngô), fizeram uma aldeia grande e os Xikrin ficam um tempo por lá. Esta foi a primeira aldeia depois do contato. Quando o SPI foi para a cidade o pequeno grupo Xikrin, que havia morado no Posto Velho, voltou para este local, separando-se novamente dos demais. Esse mesmo grupo começou a subir o rio Bakajá e fez uma roça onde hoje é a atual aldeia Bakajá. Falaram com SPI para comprarem várias coisas na cidade como facão, roupas, munição, anzol, linha de pesca, etc. porque eles iam chamar os outros para todos se mudarem para este local. Todos

concordaram com a mudança e começaram a fazer a aldeia. Fizeram roças e casas mas novamente ficaram doentes e alguns Xikrin resolveram voltar para o igarapé Carapanã.

O SPI levou remédios até o igarapé Carapanã e quando os Xikrin melhoraram começaram a pegar batatas e bananas para levarem para a aldeia Bakajá. Depois disso os Xikrin ficaram todos juntos neste local por muito anos.

5. As nossas histórias com a escola

No tempo do SPI não tem escola. O nosso primeiro contato com a escola foi na aldeia Bakajá quando a Funai falou que a gente precisava construir uma escola porque eles iam mandar um professor para nos ensinar o português. No começo ninguém falava português na aldeia e foram os *mebôktire* e as *mepřĩntire* (pré-adolescente) que começaram a participar das aulas. Eles estudaram um pouco e depois pararam e, assim, as crianças (*mepřĩre*) puderam ir para a escola, porque os *mebôktire* e as *mepřĩntire* já estavam sabendo um pouco o português.

Antigamente mandavam professores brancos para a aldeia e eles ficaram muitos anos, mas não aprendemos muito. Hoje estamos aprendendo um pouco. As coisas estão mudando e nos próximos anos teremos mais professores indígenas formados e serão os próprios indígenas que irão escrever os documentos.

Temos várias histórias com a escola porque hoje estamos organizados em 9 aldeias. Em cada uma delas a conquista de estudos para as crianças aconteceu de uma maneira específica e por isso queremos registrá-las neste documento. Desde o primeiro contato que tivemos com a escola não medimos esforços para garantir a existência de um espaço físico para que as nossas crianças pudessem aprender o português e as coisas do mundo do branco. Sempre cobramos dos órgãos públicos responsáveis a permanência deste serviço, que é nosso direito, para que estes levassem os professores, materiais e merenda para as escolas. Também estamos cobrando para que uma escola boa, com boa estrutura, seja construída em todas as aldeias.

Escola é diferente de educação (Ngrenhkàrati, aldeia Potikrô) e, por isso, hoje, queremos também a garantia de uma educação diferenciada, que respeite a nossa cultura e nosso jeito de viver, com práticas pedagógicas que valorizem os nossos processos de ensino e aprendizagem para que a nossa cultura não seja esquecida. Entendemos que a escola tem uma importante função de não deixar que as crianças esqueçam as nossas histórias. Estas histórias contam, entre outras coisas, a forma como queremos que seja as

nossas escolas e como convivemos com este serviço em nossas aldeias ao longo desses anos. Temos que contar isso para os mais novos e para quem ainda não conhece essas histórias.

- aldeia Pykajakà

Nome da escola: EMEF Indígena Bekati

Quem deu o nome da escola foi Ytxyky e este era o nome do seu avô

Nós nos mudamos para esta aldeia por volta de 2005. A primeira escola foi de palha, depois foi a escola de barro e depois teve a doação do Dr. Aldo para construir a escola de alvenaria que temos hoje. Todo esse processo para conseguir um espaço para as crianças estudarem teve o envolvimento da comunidade. Foi a comunidade que sempre se empenhou para fazer a escola porque o recurso é sempre pouco. Quando nós nos mudamos para cá já tínhamos frequentado a escola na aldeia Potikrô e no tempo em que ficamos fora da Terra Indígena também continuamos estudando na escola rural. Nunca paramos de estudar e quando abrimos esta aldeia continuamos lutando por mais estudos, como estamos fazendo até os dias de hoje.

- aldeia Kamoktikô

Nome da escola: EMEF Indígena Ngôkàrà

A escola recebeu o nome de uma das lideranças da aldeia

Nós nos mudamos para esta aldeia em 2010 e as nossas crianças passaram três anos sem estudar, porque a primeira professora não-indígena chegou só em 2013. A escola está funcionando numa das casas da aldeia que foi emprestada pelo seu morador. Nós estamos lutando para conseguir uma escola que seja adequada para as crianças estudarem e queremos que o professor seja Xikrin, porque ele vai saber ensinar melhor os alunos.

- aldeia Krãnh

Nome da escola: EMEF Indígena Bepkarà

Quem deu o nome para a escola foi o velho Bepmoipá e este é o nome de um guerreiro Xikrin antigo

O ano em que abrimos o Krãnh velho foi 2011 e ficamos apenas um ano morando lá. Em 2012 mudamos para onde estamos atualmente. No Krãnh velho não tinha como estudar, porque não tinha escola na aldeia e o único jeito era ir até a aldeia Pykajakà. Como não conseguimos combustível para o transporte das crianças elas acabaram ficando 2 ou 3 anos

sem estudar. Aqui sempre tivemos professor indígena. Primeiro a comunidade fez uma escola só coberta, improvisada, e hoje a escola é a casa de um antigo morador da aldeia.

- Aldeia Potikrô

Nome da escola: EMEF Indígena Trincheira-Bakajá

Quem deu o nome para a escola foi um não-indígena

A primeira escola foi construída de palha pela própria comunidade e ficava perto do rio. Isso foi no final dos anos 1990. Tivemos um primeiro professor que não permaneceu muito tempo na aldeia e depois os padres mandaram outra professora, que também ficou apenas alguns meses. Depois disso, as crianças passaram 6 ou 7 anos sem aula na aldeia. Voltamos a ter escola apenas nos anos 2000. Esta escola era a casa de um morador que cedeu um quarto para as crianças estudarem. A escola atual foi construída pela própria comunidade, contando com o apoio da Funai que entregou alguns materiais e ferramentas. Isso ocorreu por volta de 2005, o que significa que ficamos vários anos com as aulas ocorrendo em um local improvisado na aldeia.

- aldeia Kenkudjô

Nome da escola: EMEF Indígena Bemoti

A escola recebeu o nome do pai de uma das lideranças da aldeia

Nós nos mudamos para esta aldeia em 2011 e a escola começou a funcionar em 2012. A escola é a casa de um de seus antigos moradores que acabou se mudando da aldeia. Essa foi a maneira que nós encontramos de garantir que as crianças não parassem de estudar.

- aldeia Pytakô

Nome da escola: EMEF Indígena Ipore

A escola recebeu o nome de um cacique mais velho. Ele é avô de Beptok e de outros Xikrin.

Nós nos mudamos para esta aldeia em 2008 e a escola começou a funcionar no mesmo ano. Ficamos na beira do rio apenas 2 ou 3 meses e abrimos a aldeia com a escola já funcionando. Aqui foi a primeira aldeia da Terra Indígena Trincheira-Bakajá que teve um professor Xikrin. A escola foi improvisada em uma das casas e era feita de palha. Não tinha nenhuma carteira, apenas tábuas que serviam de mesa para os alunos. Agora temos uma escola de madeira, que era a casa de um morador que se mudou. Hoje uma das nossas maiores dificuldades é que o nosso professor atual é não-indígena.

- aldeia Bakajá

Nome da escola: EMEF Indígena Ngôrãrkty

Quem deu o nome da escola foi Bepdjoti e esse é o nome do seu avô, liderança Xikrin antiga

No começo a escola foi construída por nós, de palha, a pedido da Funai para que a gente pudesse aprender o português. Com o passar do tempo a gente foi vendo que a escola estava ficando pequena e que não dava para todas as crianças estudarem, porque elas estavam crescendo muito. Decidimos nos reunir, as lideranças em assembleia, para discutir como iríamos resolver esse problema. Decidimos que a escola seria de alvaria e fomos atrás de recursos para fazer a escola. Isso aconteceu por volta dos anos 2000. Esta escola está sendo usada até os dias de hoje.

- aldeia Mrôtidjãm

Nome da escola: EMEF Indígena Bep Pryti

Quem deu o nome da escola foi Tedjore e esse é o nome do seu avô

Nós nos mudamos para esta aldeia em 2003. A primeira escola foi construída ao lado das casas e depois ela foi transferida para perto do rio. Essas duas escolas foram feitas de palha e não tinham cadeiras para os alunos e nós fizemos algumas cadeiras de madeira, com tocos de árvore, para eles poderem estudar. Depois de um tempo outra mudança foi feita e, hoje, a escola fica longe do rio, perto do posto de saúde e no caminho para as roças. Esta escola é de madeira e teve o apoio da Funai, que ajudou com os materiais, para a sua construção.

- aldeia Rãpkô

Nome da escola: EMEF Indígena Bekre

Quem deu o nome da escola foi Bepkrã e este foi o nome de uma antiga liderança Xikrin

Nós nos mudamos para a aldeia Rãpkô em 2014 e construímos uma casa de palha para ser usada como escola. A aldeia já tinha um professor indígena para dar aulas para as crianças. Como a aldeia foi crescendo foi necessário construir uma nova casa para ser usada como escola e hoje temos dois professores indígenas.

6. Por que a escola é importante para nós?

- As falas das mulheres:

Mebêngênh (velhas):

(Nhàkênhti, aldeia Bakajá) É importante uma escola porque os meus filhos já estão grande e agora eu estou preocupada com os meus netos que têm que estudar para saber as coisas porque o rumo do branco é mais difícil. Mais tarde quando eu morrer quem vai lutar com os documentos dos brancos são os meus netos e por isso eles têm que aprender.

Mekratumre (novas):

(Ngrenhngri, aldeia Bakajá) É importante a escola boa para os meus netos, para que os meus netos aprendam a fazer documento. O neto me acompanha na cidade para ajudar com os documentos.

(Kôkôté, aldeia Kamoktikô) As pessoas que querem estudar querem aprender o português, aprender a se comunicar com quem não é Xikrin. Precisamos da escola para ter conhecimento, para a gente lutar, para a gente ter o conhecimento daquele papel que estamos lutando.

(Irepopare, aldeia Kamoktikô) A gente quer a escola para saber se comunicar principalmente no hospital. Quando o médico perguntar “como está seu bebê?” a gente tem que saber explicar.

(Kôkôté, aldeia Kamoktikô) Porque senão a gente não sabe nem que doença é, nem como explicar para o médico o que está sentindo. Tendo a escola a gente já aprende sobre as doenças e sabe explicar para o médico como o filho está ou como ele não está.

(Kôkôdjÿ, aldeia Mrotidjãm) É importante a escola porque o meu filho pode aprender igual o branco, tem que aprender a fazer documento, por isso a escola é importante dentro da minha aldeia. Mais tarde quando o meu filho se formar eu vou ficar alegre.

- As falas dos homens

Mebêngêh (velhos)

(Beptok, aldeia Pytakô) Eu quero uma escola boa para os meus netos e bisnetos porque eu já estou muito velho para lutar pelas coisas para eles. Quando eu morrer não vai ter ninguém para lutar por escola boa e professor bom. Eu quero as coisas melhores por aqui. Antigamente não tem escola para estudar as coisas do branco e hoje em dia as coisas do branco estão muito difíceis para mim e para os meus netos. Quero Xikrin formado na sala de aula e só aqui não tem e por isso eu fico triste. Os meus netos não estão estudando e por isso estou triste. Eu entendo só um pouco e é bom ter alguém na aldeia para ajudar.

(Bepymati, aldeia Bakajá) Queremos escola para aprender, para proteger a terra indígena. A Funai falou que tem que aprender a língua do branco para protegermos o nosso território. Tem que aprender a fazer documento, porque está tudo mudando e tem que lutar no documento. No meu tempo lutava pela língua e hoje luta pelo documento. Por causa disso que os meus netos têm que estudar e se formar, porque hoje é mais difícil. Tem que saber ler o documento porque se não sabe ler o pessoal de fora vem e engana a gente.

(Tàpiêt, aldeia Bakajá) O jovem aqui do Bakajá tem que saber fazer documento. Isso é importante. Tem que se formar e ajudar a aldeia. As crianças pequenas têm que estudar bastante porque quando estão crescendo já estão sabendo algumas coisas. Vão ajudar a gente a lutar. Quando aparecer alguma doença do branco sabe ajudar.

(Bekanhê, aldeia Bakajá) A escola é importante porque eu aprendi a falar bem o português mas escrever eu não aprendi. É importante que os meus filhos e os meus netos aprendam igual os brancos, porque os documentos são importantes. Antes a gente não tinham muito contato com a escola e hoje nós queremos que as crianças aprendam mais. Essas coisas com a hidrelétrica de Belo Monte estão acontecendo porque a gente não entende bem o português. É importante estudar porque eu já estou velho e quando eu ficar mais velho são os meus filhos que vão na frente.

(Ytxyky, aldeia Pykajakà) A escola é para ensinar as crianças, ensinar a nossa cultura que já estamos quase perdendo. Ensinar para as crianças o que os velhos, nossos avós e pais, ensinaram para a gente. É o futuro da vida deles. Também é para aprender as coisas dos brancos e não ser enganado por eles. E o principal é a cultura nossa que é a cultura indígena, nós não podemos perder. Temos que trazer para nossos filhos, netos, tataranetos como é que o pessoal velho antigo morava, como comia, dormia, vivia no meio do mato, o que comia para sobreviver no mato.

(Tedjôre, aldeia Ràpkô) Eu quero uma escola porque as coisas do branco são muito duras. Eu gosto de escola para as crianças aprenderem igual elas estão aprendendo. Isso é bom para nós. É importante que as crianças aprendam, porque quando crescerem e ficarem jovens poderão ler um documento para mim que estou velho. A gente não quer que só um aprenda, várias pessoas podem aprender e se formar. É isso que eu quero e por causa disso é importante. A pessoa tem que aprender as coisas. Aprender para ajudar a comunidade. Se o pessoal formar tem que ajudar a comunidade.

Mekranyre (novos)

(Beptum, aldeia Kenkudjôï) As crianças vão para a escola estudar, aprender, ajudar a mãe e a avó. Não dá para ser como antigamente, tem que ser com coisa nova, tem que melhorar a comunidade. Antigamente ninguém sabia português e hoje em dia tem que saber pegar na caneta e no caderno. Isso é bom. (...) Na escola a criança tem que aprender alguma coisa para mais tarde ser um técnico, um professor, tem que ter uma profissão, saber pilotar avião, formar dentista. Também tem que aprender a língua do índio. Antigamente era mais fácil, agora com Belo Monte fica mais difícil, por isso a criança tem que ir na escola para aprender. Tem que saber frequentar reunião.

(Bemoti, aldeia Bakajá) O meu pai não aprendeu muito, mas eu aprendi um pouco. Já sei português e números. Hoje estamos aprendendo mais rápido, mas tem coisa que a gente sabe e tem coisa que a gente não sabe. É importante estudar e se formar para ajudar a comunidade e a família. A gente estuda para ajudar os parentes. Não é para gente é para a comunidade. A cidade é muito diferente da aldeia é lá é difícil, por isso é importante acompanhar os velhos na cidade.

(Tuiamoi, aldeia Bakajá) A gente tem que estudar mais sobre as leis para explicar para o nosso povo. O nosso povo não sabe das leis.

Professores Xikrin

Nós, professores indígenas, sabemos um pouco do português, estamos dando aulas para as crianças e já sabemos um pouco para ajudar a comunidade. A um tempo atrás não

tinha professor indígena na região e agora nós estamos dando aulas e vamos ajudar a nossa comunidade.

A escola é importante para não esquecer a cultura e a língua Xikrin. A gente tem que ensinar os conhecimentos dos mais velhos.

Nós vamos ensinar as crianças e os jovens e vamos continuar fazendo cursos para aprender ainda mais. Vamos aprender para ensinar os alunos e vamos fazer materiais específicos para ensinar melhor. Também não vamos esquecer a nossa cultura porque a criança não sabe a cultura do mais velho. A gente aprende o português para ler o documento para a comunidade.

Nós não estamos ensinando apenas as crianças. Estamos ensinando as mulheres mais velhas a escrever os seus nomes. Elas também têm que aprender a usar o dinheiro que vem dos projetos feitos nas aldeias.

7. Como ensinamos as nossas crianças

Nós, o povo Xikrin, temos um jeito de ensinar e um jeito de aprender. A gente aprende com pai e com mãe. Tem outro jeito que a gente aprende na escola, com o escrito.
(Tàkàk Jakare, aldeia Ràpkô)

Antigamente o trabalho dos Xikrin era igual estudo. O pessoal demorava para casar porque tinha que aprender muitas coisas antes de casar. Hoje em dia casa cedo. Não pode casar cedo, porque antes de casar tem que aprender a caçar no mato, aprender a pescar, aprender a fazer a roça, cuidar da roça, preparar a comida. É preciso formar nesses conhecimentos e depois casar, porque tem que fazer muitas coisas para o sogro, os filhos e as filhas, os netos e as netas. E se não sabe fazer fica pedindo para os outros e fica com vergonha. Esse era o nosso processo de antigamente.

A *aula Xikrin* trouxe a nossa cultura e por isso o pessoal novo tem que aprender igual era a *prova dos velhos*. O novo não sabe fazer a prova e o velho ensina. O velho está fazendo e ele está olhando. Esse é o nosso jeito de aprender e ensinar. Essa é também a *nossa prova*.

As festas são importantes para as crianças aprenderem a nossa cultura. Tem as festas das mulheres, as festas dos homens e as festas em que todos da aldeia participam. As crianças participam junto com as mães, pais, avós e aprendem sobre as festas.

Hoje em dia a criança tem que aprender a fazer a *prova Xikrin* e a prova da escola. Tem que aprender os dois conhecimentos, por isso a gente precisa de uma escola diferenciada, que não prejudique o nosso jeito de ensinar e que garante que a *aula Xikrin* continuará acontecendo da forma como sempre fizemos, na companhia dos pais, mães e avós, que ensinam em outros espaços da aldeia.

7.1. Como os homens aprendem e ensinam:

O pessoal novo aprende as coisas com os velhos e com os pais, no *ngà* (casa do guerreiro) e em outros locais da aldeia. Aprende a fazer paneiro, esteira, vassoura, remo, arco e flecha. Fica só olhando e daí vai aprendendo tudo. No *ngà* o velho ensina muito sobre as histórias dos antigos.

Também aprende no mato. Aprende a caçar porcão, macaco, anta e outros bichos. Tem que saber quais são as frutas que os animais comem para ir caçar. Aprende sobre os tipos de plantas e os remédios. Aprende a brocar, derrubar, secar, queimar, encoiravar e plantar a roça. Aprende a tirar palha e, depois na aldeia, a fazer casa. Também tem que aprender a andar sozinho no mato. Aprende a tirar jenipapo, castanha, bacaba e açai. E tem que aprender com os velhos quais são as frutas boas para comer quando está caçando no mato.

Desde pequeno, quando já sabe andar, aprende a pescar com o pai e também sai para pescar junto com outras crianças.

Aprende a bater timbó com os mais velhos da aldeia: eles ensinam qual cipó deve ser usado e ensinam a tirar o cipó. Junto com cipó tem que colocar casca do cedro e casca de itaúba para o veneno ficar mais forte. Também tem que aprender a tirar a embira certa para amarrar o cipó. Antes de ir para o rio é preciso tirar um outro cipó para pegar a batata dele. Entrega essa batata para cada um passar na perna porque espanta arraia e não deixa ela ferrar.

A festa do marimbondo e a festa do timbó são só para os homens. Na festa do marimbondo os homens, crianças e adultos, começam a dançar na aldeia e vão até o local da festa. E na festa do timbó os homens, crianças e adultos, começam a dançar na aldeia e vão até um igarapé.

Tem que aprender a fazer esteira, borduna, flecha, porque quando tem um filho sabe fazer essas coisas para ele. Aprende a caçar no mato, a pegar jabuti para ajudar na comida do sogro. O velho vai cavar o buraco para matar o tatu e os jovens vão junto para aprender

a fazer o buraco. As vezes o sogro quer comer um tatu e ele pode ir matar o tatu porque já sabe cavar o buraco.

É isso o que os homens aprendem.

7.2. Como as mulheres aprendem e ensinam:

Quando é criança fica perto da mãe para olhar como ela faz comida e fogo para aprender. Observa a mãe. Fica olhando quando a mãe pinta o pai para aprender porque quando for adulta também vai pintar. Quando é adulta já sabe pintar, raspar o cabelo (*ijôkàrà*) e passar urucum no cabelo (*kumràp*).

Quando o pai vai para o mato matar qualquer animal e depois chega na aldeia a mãe começa a preparar a comida e a criança olha para aprender a fazer igual. Antigamente ninguém comia arroz, só comida dos antigos: jabuti, porcão e outras carnes de caça.

Quando a mãe vai para a roça tirar lenha a criança não vai, fica em casa esperando. Quando é muito pequeno não pode ir com a mãe. Quando é criança maior já pode acompanhar o trabalho da mãe e por isso aprende todas as coisas dos índios e quando está grande pode fazer para as filhas.

Quando já tem filhos não faz comida para a mãe, faz para o marido e os filhos. E quando a sua mãe morre começa a fazer comida para os seus netos. Quando a mãe faz comida para o pessoal a criança só fica olhando para aprender mais. Aprende a fazer o *ki*¹, tirar batata na roça, tirar palmito para assar no fogo, preparar o berarubu².

Só as mulheres fazem pintura corporal e as meninas acompanham as mães para aprender a fazer também. Antigamente treinava a pintura no coco de babaçu que tinha acabado de cair da árvore (*rômkrã*), na casca de árvore(*pinkà*) e no mangará (*tytyti nhôpó*). Hoje treina a pintura na boneca de barro. Aprende a preparar o jenipapo para pintar. Se uma menina não acompanha a mãe não sabe fazer a pintura. As mulheres que não têm filhos são pintadas em um local separado das que têm filhos.

A criança não pode deixar de acompanhar o trabalho da mãe, tem que acompanhar todo dia porque é assim que está aprendendo. A criança também aprende quando acompanha os pais andando no mato e fazendo brincadeiras com outras crianças.

¹ *Ki*: primeiro tem um fogo pequeno e depois coloca lenha por cima. Daí coloca pedra e espera a pedra esquentar e depois, quando a lenha já está toda queimada, tira os pedaços de paus que não queimaram e organiza as pedras para colocar as carnes e o berarubu em cima. Depois coloca mais pedra em cima das comidas e cobre com palha de banana e terra.

² Berarubu é um bolo feito com massa de mandioca e pode ter carne de caça junto. Esse bolo é colocado em folhas de bananeira e assado no *ki*.

Quando fica velha começa a ensinar as filhas e as netas.

8. Como a escola deve ensinar as nossas crianças

Na nossa escola tem que ter professor indígena, porque ele fala a nossa língua e assim o aluno entende. Quando o professor é não-indígena as crianças não entendem, elas não sabem falar português.

O professor vai educar as crianças para elas aprenderem coisas boas e não coisas ruins. Elas vão ajudar a sua aldeia quando se formarem. Quando a criança crescer vai falar assim: *eu já aprendi e agora vou ensinar você. Eu quero que você aprenda como eu aprendi.* É assim que vai para frente. É assim que Xikrin faz com a sua cultura: de avô passa para o neto.

As crianças têm que aprender o português e o Xikrin. Elas têm que aprender a falar e a escrever as duas línguas. O português é importante para comunicar com outros parentes indígenas e com os não-indígenas. E a língua materna nós vamos usar na sala de aula e fora da sala de aula para aprender sobre a nossa cultura, a nossa realidade. As crianças sabem falar o Xikrin mas não sabem escrever, então tem que aprender a escrever o nome, documentos e projetos. As duas línguas são importantes.

Quando o professor terminar a aula tem brincadeira. Tem as brincadeira dos não-indígenas e as brincadeiras Xikrin. Os alunos também têm que fazer ginástica porque as crianças estão muito fracas. É assim que gostamos e é assim as crianças vão aprender.

Na escola tem que ensinar um pouco da história antiga do povo Xikrin, mas os velhos continuam ensinando fora da escola. Os alunos e professores fazem pesquisas com os velhos para aprenderem mais sobre os seus conhecimentos. Hoje a gente quer que a escola ensine a cultura Xikrin, mas na casa do guerreiro (*ngà*) as crianças aprendem muitas coisas e isso não vai mudar. As crianças aprendem na escola e no *ngà*. A cultura Xikrin não tem que ser ensinada apenas na escola, as crianças têm que aprender nas roças, no mato, no rio, nas festas e nas casas, junto com os pais, mães, avós e outros parentes.

Para ensinar a cultura nas nossas escolas temos que ter materiais específicos, produzidos pelos professores indígenas e por todos da comunidade. Temos que ter livros, gravações e vídeos que contam sobre a história dos antigos, as festas, os remédios do mato, o artesanato, a alimentação e a pintura corporal.

O professor indígena tem que acompanhar o grupo de alunos quando estes forem para a roça. O ensino será dos professores e dos pais ao mesmo tempo, trabalho conjunto.

Esses momentos serão considerados aulas. Tem que conhecer outras coisas que não apenas os conhecimentos do branco. As crianças têm que fazer outras atividades junto com a comunidade.

A aula tem que trazer a nossa cultura e nossa alimentação também. Antigamente ninguém estava doente e ninguém estava com dor. Antigamente Xikrin andava longe e ninguém sentia nada, hoje anda um pouco e já está com o corpo doendo. É isso que o pessoal velho explica, por isso a gente também se preocupa com o alimento que é dado para os alunos na escola.

No começo a merenda da nossa escola era feita na própria aldeia, não vinha da cidade porque a gente não gostava das comidas do branco, achava ruim. Depois a merenda passou a ser preparada apenas por não-indígenas com os produtos da cidade e nós não podemos mais escolher o que é dado aos alunos. Hoje, percebermos que a criança não pode ficar comendo muito a alimentação do branco porque ela não é boa para a sua saúde. Decidimos que é importante garantir uma merenda que tenha alimentos produzidos nas nossas aldeias, pelas mulheres Xikrin, que sabem a forma correta de alimentar os seus filhos. Mas a gente também se acostumou com alguns dos alimentos dos brancos e, por isso, também queremos as comidas produzidas na cidade, mas estas devem ser escolhidas com a nossa participação, porque nós sabemos o que é bom e o que não é bom para as crianças Xikrin, o que pode trazer doenças. Não é somente o ensino que deve ser diferenciado nas nossas escolas, a merenda também precisa respeitar o nosso jeito de comer e formar nossos corpos para que eles fiquem fortes, porque os alimentos que comemos influenciam a maneira como aprendemos e ensinamos dentro e fora da escola.

9. A organização da nossa escola

9.1. Sistema de ensino

O sistema de ensino das nossas escolas é organizado na forma de seriação de acordo com a proposta educacional definida pela SEMED. As turmas são em sua maioria multisseriadas. Em todas as aldeias há os primeiros anos do Ensino Fundamental, do 1º ao 5º ano, e em algumas delas há o Ensino Infantil (Jardim I e II) e o EJA (1ª e 2ª etapas).

9.2. Calendário escolar (Akati ã akredjà)

O calendário da escola Xikrin segue as orientações da SEMED de Altamira para as escolas indígenas, com as aulas iniciando em fevereiro e finalizando em dezembro, sendo que nos meses de julho e janeiro são as férias.

De acordo com a legislação brasileira (LDB 1996, Resolução CEB nº 3, de 10 de novembro de 1999 e Diretrizes e Bases da Educação Escolar Indígena, 2012) o calendário tem duração mínima de duzentos dias letivos. Essas leis também garantem que as atividades escolares sejam organizadas respeitando as especificidades de cada comunidade e de maneira que não prejudique as suas atividades econômicas, sociais e culturais.

A escola deve respeitar as formas de transmissão de conhecimentos Xikrin que ocorrem fora da sala de aula, por isso decidimos que as práticas como bater timbó, trabalhos nas roças, festas, entre outras – que são muito importantes para a formação das crianças Xikrin – poderão ser incluídas como atividades escolares, contando como atividades tradicionais e de pesquisa dos alunos, tendo a orientação dos professores indígenas e dos pais e avós. Outra opção possível é a escola interromper as atividades escolares por alguns dias para que todos possam participar das atividades na aldeia. Quando isso acontecer será respeitado o número mínimo de dias determinados para o ano letivo.

Durante o inverno é mais difícil levar as crianças para outros espaços, fora da sala de aula, por causa das chuvas. Mas no verão acontecem muitas atividades nas aldeias que podem envolver a escola para ajudar no aprendizado das crianças sobre os conhecimentos Xikrin e os conhecimentos dos brancos.

O verão é o período de desova dos tracajás e o professor pode levar os alunos até o local onde isso ocorre para eles conhecerem a cova onde estão os ovos. Nesta situação, eles podem conversar sobre a importância da preservação dos tracajás, garantindo a sua existência. Ainda no verão, a atividade de bater timbó envolve toda a comunidade e é um momento importante para as crianças aprenderem sobre esta prática. O preparo e o cultivo das roças também são atividades que poderão fazer parte das atividades da escola.

Além das festas que têm as datas definidas, 19 de abril, 7 de setembro, 25 de dezembro e 31 de dezembro, nós fazemos festas durante o ano todo. Em qualquer período pode acontecer uma festa. O tempo de preparação para as festas também fazem parte dos momentos de aprendizagem para as crianças.

A forma como cada escola irá incluir estas atividades durante o ano letivo, junto com as demais atividades escolares, deve ser decidida entre o professor e a comunidade, em cada aldeia, respeitando as particularidades de cada local. A organização do calendário escolar deve se adaptar ao calendário das nossas atividades tradicionais.

9.3. O que a escola deve ensinar?

O currículo da nossa escola é formado pelos nossos conhecimentos e pelos conhecimentos dos brancos, porque os dois são importantes para nós.

O Ensino Infantil deve ser diferenciado, valorizando a cultura Xikrin e respeitando as atividades que as crianças fazem com os seus parentes e o tempo em que permanecem na companhia deles, principalmente com as suas mães. As crianças podem aprender na escola sobre as nossas histórias, danças, músicas, brincadeiras e brinquedos, entre outras coisas. Para isso as atividades não podem ser apenas na sala de aula, elas devem ocorrer em outros espaços da aldeia. Algumas brincadeiras dos não-indígenas podem fazer parte das aulas, caso isso seja um interesse da comunidade e do professor indígena.

Os alunos devem começar a aprender a escrever a partir do 1º ano do Ensino Fundamental e vão aprender o português e a língua Xikrin ao mesmo tempo.

Para os primeiros anos de estudos as aulas serão feitas usando muita oralidade, desenhos, pinturas e brincadeiras para explicar os conteúdos aos alunos. Em todas as turmas o trabalho do professor e dos alunos devem privilegiar a pesquisa, principalmente sobre os assuntos que envolvem os conhecimentos e a cultura Xikrin.

Abaixo colocamos alguns dos conteúdos que devem ser trabalhados pelos professores em cada série:

Ensino Infantil

Jardim I e II

- aprender músicas na língua Xikrin
- aprender as histórias do povo Xikrin
- aprender as danças Xikrin
- aprender a desenhar animais, plantas, frutas, casas, etc.
- aprender a falar os nomes dos animais, plantas, frutas, etc., através dos desenhos
- aprender a pintar os desenhos

- aprender sobre pinturas corporais
- brincadeiras: *pêikrã*

Ensino Fundamental

Esses conteúdos são orientações para os professores. Eles podem ensinar tanto a partir dos conhecimentos não-indígenas quanto a partir dos conhecimentos indígenas.

1º ano

- conhecer as letras: alfabeto, vogais, consoantes
- formação de sílabas
- escrever o nome
- formação de palavras pequenas
- desenhos
- contar e escrever os números até 10
- partes das plantas
- corpo humano
- frutas
- animais
- aprender histórias
- aprender músicas
- aprender danças
- bater timbó
- participar de festas
- brincadeiras: *pêikrã* e *katenbàri kamjyry*

2º ano

- conhecer as letras: alfabeto, vogais, consoantes
- alfabeto maiúsculo e minúsculo
- formação de sílabas
- escrever o nome

- formação de palavras pequenas
- escrever e ler frases pequenas
- desenhos
- contar e escrever os números maiores de 10
- contas simples de adição e subtração
- alimentação
- lixo nas aldeias
- aprender danças
- aprender histórias
- bater timbó
- participar de festas
- aprender músicas
- brincadeiras: *pêikrã*, *katenbári kamjyry* e *piytekà o bixaêre*

3º ano

- revisar o alfabeto
- sílabas
- escrever o nome
- encontros vocálicos
- formação de palavras
- escrever e ler frases pequenas
- ler e interpretar texto pequeno
- pontuação
- desenhos
- ler e escrever números grandes
- contas de matemática: adição, subtração, multiplicação
- resolução de pequenos problemas de matemática
- figuras geométricas
- tabuada
- números ímpar e par
- aulas de informática
- animais
- corpo humano

- plantas
- aprender como preservar o rio Bakajá
- práticas para a saúde
- frutas
- lixo nas aldeias
- aprender a fazer paneiro
- aprender a fazer arco e flecha
- aprender a fazer boneca de barro
- estudar as falas das mulheres e as falas dos homens
- aprender a fazer pulseira de miçanga
- participar de festas
- aprender músicas
- aprender danças
- aprender histórias
- acompanhar a desova do tracajá
- bater timbó
- roças
- brincadeiras: jogar vôlei, jogar futebol, cabo de guerra, jogar com arco e flecha, corrida

4º ano

- revisar o alfabeto
- escrever o nome
- sílabas complexas
- encontros vocálicos
- formação de palavras
- escrever e ler frases pequenas
- ler e interpretar textos pequenos
- ler e interpretar imagens
- pontuação
- escrever bilhetes
- ditados
- separação de sílabas
- palavras masculinas e femininas

- plural e singular
- diminutivo e aumentativo
- desenhos
- ler e escrever números grandes
- ler e escrever os números por extenso
- números ordinais
- contas de matemática: adição, subtração, multiplicação, divisão
- resolução de pequenos problemas de matemática
- sistema de numeração decimal (unidade, dezena e centena)
- números crescentes e decrescentes
- sistema monetário
- antecessor (antes) e sucessor (depois)
- medidas (centímetro, metro, quilômetro)
- aprender a usar a calculadora
- aulas de informática
- calendário
- estações do ano
- dias da semana
- meses
- plantas
- as fases da lua
- chuvas e secas
- cheia e seca do rio
- desenhos da aldeia/mapas
- aprender sobre o tempo marcado pelo relógio
- práticas para a saúde
- lixo nas aldeias
- corpo humano
- animais
- aprender como preservar o rio Bakajá
- aprender como amarrar penas nas flechas
- aprender como amarrar bico de flecha com cera de abelha
- começar a aprender a fazer cocar
- aprender a fazer relógio de palha
- aprender sobre pintura corporal

- aprender a fazer pulseira de miçangas
- participar de festas
- aprender músicas
- aprender danças
- aprender histórias
- bater timbó
- acompanhar a desova do tracajá
- roças
- brincadeiras: jogar vôlei, jogar futebol, cabo de guerra, jogar com arco e flecha, corrida

5º ano

- revisar o alfabeto
- escrever o nome
- leitura e interpretação de texto
- escrever frases e pequenos textos
- pontuação
- encontros consonantais
- sílabas complexas
- sílabas tônica
- sinônimos e antônimos
- substantivos próprio e comum
- gêneros textuais (bilhetes, listas, receitas....)
- aprender a apresentar trabalho
- aulas de informática
- ler e escrever números grandes
- ler e escrever os números por extenso
- números ordinais
- contas de matemática: adição, subtração, multiplicação, divisão
- resolução de pequenos problemas de matemática
- sistema de numeração decimal (unidade, dezena, centena e unidade milhar)
- números crescentes e decrescentes
- sistema monetário
- tabuada

- números ímpar e par
- medidas (centímetro, metro, quilômetro)
- dobro e triplo
- aprender a usar bússola
- aprender a usar GPS
- desenhar mapas
- aprender sobre os problemas de desmatamento na TITB
- aprender como preservar a natureza: animais e plantas
- aprender como preservar o rio Bakajá
- remédios do mato
- práticas para a saúde
- lixo nas aldeias
- alimentação
- aprender a fazer paneiro
- aprender a fazer canoa pequena, remo, borduna e lança (brinquedos)
- aprender a fazer arco e flecha
- começa aprender a classificar os cipós
- aprende a fazer pulseiras e anéis com miçangas
- aprende a fazer cordão
- começa aprender a fazer berarubu
- começa aprender a fazer *ki*
- começa aprender a fazer *kwyr̀yngo*
- participar de festas
- aprender músicas
- aprender danças
- aprender histórias
- acompanhar a desova do tracajá
- bater timbó
- roças
- brincadeiras: jogar vôlei, jogar futebol, cabo de guerra, jogar com arco e flecha, corrida, *kagot krã* e *abēnkangõnh*

Educação de Jovens e Adultos (1ª e 2ª etapas)

O conteúdo da EJA 1ª e 2ª etapas segue o conteúdo indicado para as turmas do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. O professor deve fazer adaptações em suas práticas pedagógicas para o ensino de jovens e adultos.

9.4. Sistema de avaliação

A avaliação deve ser baseada nas atividades diárias feitas pelos alunos nas aulas. O professor tem que observar se o aluno tem interesse em aprender, se ele faz o exercício que o professor pede, se ele frequenta as aulas e como ele participa dos trabalhos em grupo. Nas atividades fora da sala é importante observar se o aluno faz pesquisa com os mais velhos quando isso é pedido pelo professor, se ele acompanha as atividades de grupo na companhia do professor e outras pessoas da aldeia. Depois das atividades fora da sala o aluno pode contar o que aprendeu, escrever um pequeno texto ou fazer desenhos. Outro ponto a ser observado pelo professor é em relação à participação nas festas nas aldeias.

Para avaliar os alunos o professor também pode elaborar exercícios escritos e exercícios que envolvem a oralidade. Trabalhos em grupo como a elaboração de cartazes sobre diferentes temas podem ser considerados como avaliação. E o comportamento dos alunos na sala de aula também pode ser um critério de avaliação dos alunos.

9.5. Função de cada membro da comunidade escolar

Professores:

- respeitar os alunos
- dar aula para os alunos e ser responsável pelo aprendizado dos alunos
- observar o desenvolvimento dos alunos
- preparar aulas
- construir materiais
- brincar com os alunos
- passar avaliações para os alunos
- participar de formações
- fazer pesquisas sobre a cultura Xikrin

- fazer reunião com a comunidade no início das aulas para falar sobre o aprendizado dos alunos
- fazer matrícula dos alunos
- enviar para a secretaria da escola as notas dos alunos
- preencher fichas de acompanhamentos mensal, bimestral e anual
- enviar para a secretaria da escola os relatórios sobre o aprendizado dos alunos
- trabalhar em conjunto com a comunidade para ajudar em reuniões e fazer leituras de documentos

Alunos:

- estudar – fazer as atividades que o professor passa nas aulas
- aprender a ler e a escrever
- cuidar dos materiais da escola
- fazer pesquisas sobre a cultura Xikrin
- participar das atividades de campo
- participar das aulas na sala de aula
- respeitar o professor e os outros alunos

Pai e mãe dos alunos e comunidade:

- colaborar com as crianças nas *tarefas de casa* da escola
- participar das reuniões da escola com professores, diretor, coordenador pedagógico e Secretaria Municipal de Educação
- visitar a sala de aula
- incentivar as crianças para elas irem as aulas
- cuidar dos materiais das crianças
- participar da escolha da merenda da escola
- participar da limpeza em volta da escola
- respeitar o trabalho dos professores

Diretor:

- cuidar dos papéis da escola que são enviados pelos professores como as matrículas, as notas dos alunos e as ficha de frequência do professor

- organizar os materiais didáticos, merenda e outros materiais que são enviados para as escolas das aldeias
- mostrar para a comunidade a prestação de contas do Conselho Escolar

Coordenador pedagógico:

- visitar todas as aldeias para acompanhar o trabalho dos professores na sala de aula
- ajudar os professores na sala de aula dando exemplos de atividades que podem ser trabalhadas com os alunos
- ajudar o professor a preencher as fichas dos alunos
- acompanhar o registro do diário dos alunos

Auxiliar de secretaria:

- arquivar/guardar os documentos das escolas
- atualizar as matrículas no censo escolar
- escrever declarações para os alunos
- emitir a transferência dos alunos

Apoio operacional

- merendeira

Fazer a merenda

Entregar a merenda para os alunos

Limpar as vasilhas

Receber a merenda e conferir se foi entregue tudo da forma correta

Verificar a data de validade

Guardar a merenda de maneira correta para não estragar os alimentos

Levar o lixo para o local certo

- vigia

Ficar com a chave da escola

Ser responsável pelos equipamentos da escola

Fazer pequenos reparos na escola
Contribuir com a limpeza em volta da escola

- servente
Limpar a escola
Arrumar carteiras
Contribuir com a limpeza em volta da escola
Ajudar a merendeira
Levar o lixo para o local certo

Sempre que solicitado os funcionários da escola devem contribuir com as outras funções, porque a escola é de todos e precisa de todos para funcionar bem.

10. Considerações

O Projeto Político Pedagógico das escolas do povo Xikrin do Bakajá é um documento que foi construindo pelos professores Xikrin, lideranças, velhos, jovens, pais e mães de alunos. Ele explica como deve funcionar as escolas nas suas aldeias e qual é a importância desse espaço para a formação das crianças Xikrin. Este é um documento que precisa ser revisado e reavaliados por todos os membros da comunidade escolar sempre que os Xikrin considerarem necessário.

Organização: povo Xikrin do Bakajá

Professores indígenas:

Beptô Xikrin, Bepore Xikrin, Kanhun Xikrin, Muturua Xikrin, Tonmere Xikrin, Bepmoipá Xikrin, Tekakmare Xikrin, Bepti Xikrin e Tákàk Jakare Xikrin

Professora não-indígena:

Domingas da Silva Costa

Secretaria Municipal de Educação de Altamira – setor de Educação Escolar Indígena:

Cecília Nascimento Batista, Marilene Carvalho, Aldo Viana Duarte e Lucas Silva de Souza

Assessoria:

Pollyana Mendonça – antropóloga, consultora pedagógica

Camila Beltrame – antropóloga, consultora antropológica



